

IL BUONO, IL BRUTTO E IL CATTIVO / 1966

O Bom, o Mau e o Vilão

um filme de Sergio Leone

Realização: Sergio Leone / Argumento: Age & Scarpelli, Luciano Vincenzoni, Sérgio Leone / Fotografia: Tonino Delli Colli / Montagem: Eugénio Alabiso / Música: Ennio Morricone / Intérpretes: Clint Eastwood (Blondie), Eli Wallach (Tuco), Lee Van Cleef (Sentenza/Angel Eyes), Aldo Giuffrè (capitão da União, alcoólico), Luigi Psitilli (padre Pablo Ramirez), Rada Rassimov (Maria), Enzo Petito (lojista), Cláudio Scarchilli (caçador de prémios na cidade fantasma), John Bartho (sheriff), Lívio Lorwenzon (Baker), António Casale (Jackson/Bill Carson), etc.

Produção: Alberto Grimaldi / Cópia: 35mm, colorida, versão internacional legendada em castelhano e eletronicamente em português, 178 minutos / Estreia Mundial: Roma, 23 de Dezembro de 1966 / Estreia em Portugal: Politeama e Avis, 23 de Janeiro de 1969

Il Buono, Il Brutto e Il Cattivo encerra a trilogia com que Leone veio transformar o panorama do western clássico, mudando-lhe a paisagem e exacerbando os seus mitos mais conhecidos. Não que a mitologia do western não tenha atraído antes o interesse de cineastas fora do seu espaço original. A Alemanha dos anos 30 tentou a experiência num punhado de filmes em que se destaca **Der Kaiser von Kalifornien**, sobre a descoberta do ouro na Califórnia por John Sutter, e após o sucesso internacional do “western-spaghetti”, avançaria com os seus “western-choucrute” quase todos inspirados nos livros do popular escritor Karl May, indo buscar, à semelhança dos estúdios italianos, algumas estrelas hollywoodianas em decadência, como Stewart Granger ou Rod Cameron. Até mesmo os nossos vizinhos espanhóis se aproximaram do género pela mão de Manuel Mur Oti com o seu notável **Orgullo** (1955), antes de se tornar um viveiro de “westerns-paella” na década de 60. Mesmo a Itália, responsável pela “epidemia” do novo género, tivera as suas experiências anteriores, mesmo em tom de paródia (**Io Sono il Capataz/O Capataz Sou Eu**, de Giorgio Simonelli-1950). Mas foi aqui, de facto, que tudo nasceu, e pelas mãos de Sergio Leone, depressa seguido por uma infinidade de imitadores geralmente medíocres, com algumas excepções (Tonino Valleri, Duccio Tessari, Sergio Corbucci, mesmo Damiano Damiani e Carlo Lizzani, que não resistiram à moda).

Ao começo, para impingirem o novo produto, realizadores e actores optaram por usar pseudónimos americanos e buscaram vedetas americanas ou em decadência ou pouco conhecidos. Se os actores italianos eram facilmente reconhecíveis pelos cinéfilos por detrás do nome de empréstimo, já com os realizadores o “anonimato” perdurou até ao tempo em que perderam os complexos e se expuseram. Leone, por exemplo, era um profissional já com experiência como assistente de realização desde o fim da segunda guerra mundial, e já com provas dadas como realizador de populares “peplums” tendo dirigido um dos melhores filmes do género, **Il Colosso di Rodi/O Colosso de Rhodes** em 1961. Foi ele, porém, que

deu o exemplo, optando por um nome americano quando lançou o seu primeiro “western-spaghetti”, **Per Un Pugno di Dollari/Por Um Punhado de Dólares**, assinando como Bob Robertson. Foi só depois do sucesso internacional deste filme que Leone usou o seu verdadeiro nome para a primeira sequência, **Per Qualche Dollaro in Più/Por Mais Alguns Dólares**, emendando, nas novas cópias, a assinatura do primeiro filme.

Para encerrar a trilogia, Leone tinha já carta branca dos produtores para dar livre curso à sua inspiração. Tal largueza de meios é patente na construção geral do filme, não só pela sua duração como pela quantidade de figurantes e pela qualidade da reconstituição de uma batalha da guerra civil americana, que em figurantes não tem nada a invejar com as mais ambiciosas produções americanas. Para os principais intérpretes, Leone foi buscar mais uma vez Clint Eastwood, com quem tudo começara (esta trilogia, como é sabido, fez do actor uma estrela internacional, o que este agradeceu no genérico de **The Unforgiven**, dedicado a Sergio e Don, isto é, a Sergio Leone e Donald Siegel, os realizadores a quem deve esse primeiro impulso), e Lee Van Cleef. Cleef é um rosto bem conhecido de qualquer cinéfilo, sendo figura frequente nos ecrãs ao longo da década de 50, sempre na figura de vilão, em westerns (**High Noon**, o seu filme de estreia, **The Gunfight at OK Corral**, **The Tin Star**, etc) e thrillers (**The Big Combo**, entre outros). Foi Leone que lhe deu a oportunidade de se transformar noutra vedeta “de culto” do “western-spaghetti” dando-lhe, curiosamente, um papel simpático na sua estreia, o do coronel Mortimer em **Per Qualche Dollaro in Più** (variação que será explorada por outros como no divertido **Sabata**). Mas no filme que vamos ver, de novo ao lado de Clint Eastwood (com quem já trabalhara em dois episódios da série de televisão “Rawhide”), retoma a personalidade com que melhor se identifica: um vilão de corpo inteiro, assassino e sádico: veja-se a cena de tortura a que sujeita Tuco (de qualquer modo este, a certa altura, não se revela melhor, quando sujeita Blondie/Eastwood ao “passeio ao sol” e à tortura da sede). A estes dois juntou-se um actor de “peso”. Nem mais nem menos do que Eli Wallach (no papel de Tuco) que opõe o seu estilo “Actors’ Studio” à impassibilidade pétrea dos seus rivais.

A personagem de Clint não é mais do que uma variação da que interpretara nos dois filmes anteriores, com a mesma figura e indumentária (o eterno “poncho”, o chapéu, a cigarrilha ao canto da boca) e as mesmas características de aventureiro em busca de fortuna, e Leone coloca-o praticamente em situações já experimentadas, que culmina no encontro final dos três pistoleiros, que não é mais do que uma variação do final de **Per Qualche Dollaro in Più**: o duelo realização num espaço semelhante (uma espécie de arena), colocando os três homens frente a frente, em ângulos singulares, usando a profundidade de campo e os grandes planos de rostos e revólveres em “amorcé”. Mas desta vez, a sua personagem dilui-se mais em longo do filme, indo o destaque para a figura de Tuco (Wallach) a quem cabe, também, desenvolver a parte de comédia que o filme contém.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico